

O PROBLEMA DA BORRACHA SILVESTRE

THESE

APRESENTADA AO COMITÉ PRÓ-DE-
FESA DA BORRACHA SILVESTRE PELO
SNR. JOSÉ NUNES DE LIMA, COMO
REPRESENTANTE DA COOPERATIVA
DE CREDITO — O BANCO POPULAR
DE MANÁOS — E DA ASSOCIAÇÃO
COMMERCIAL DOS RETALHISTAS.

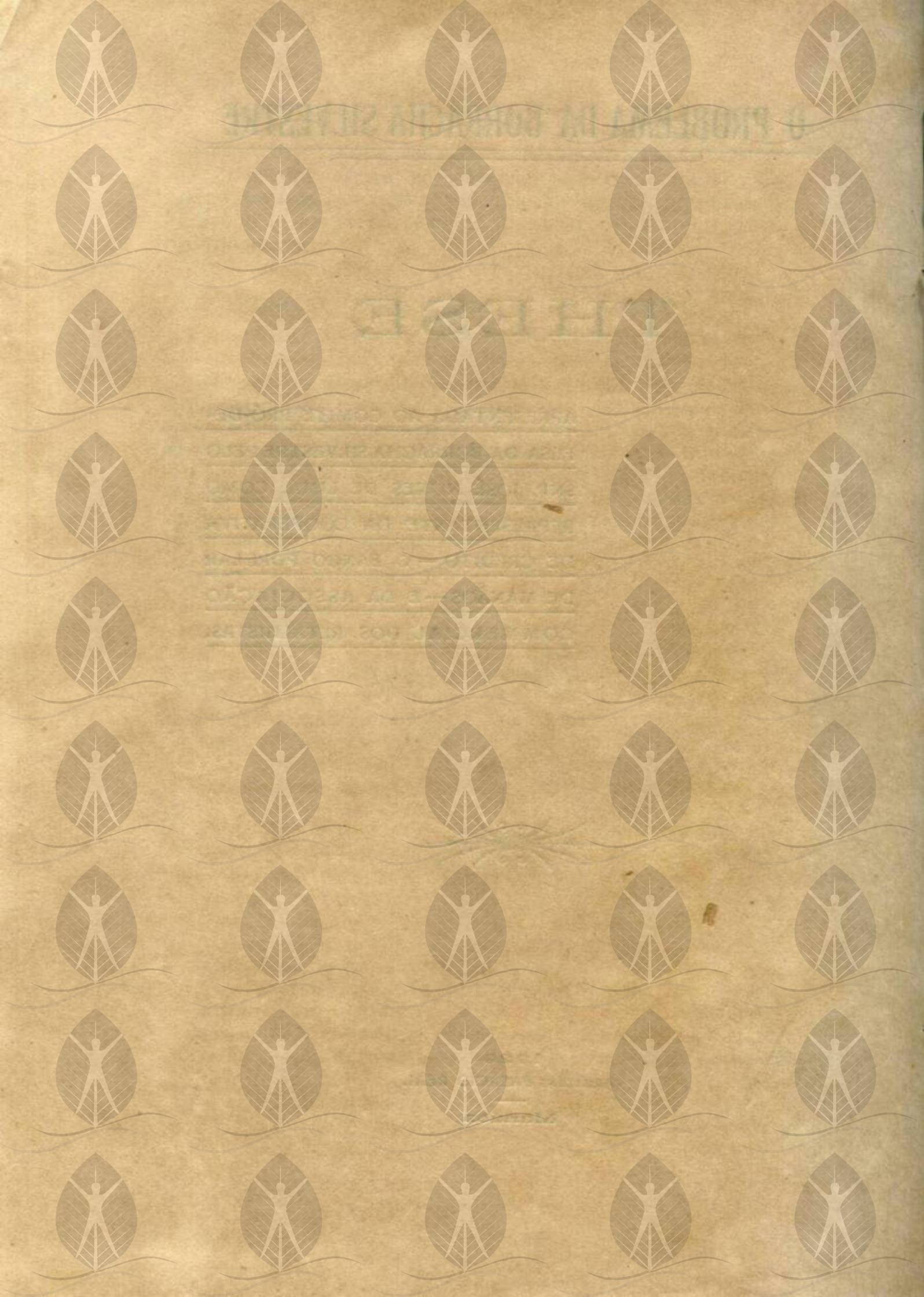


1929

ARMAZENS PALACIO REAL

Manáos

13737
1738952



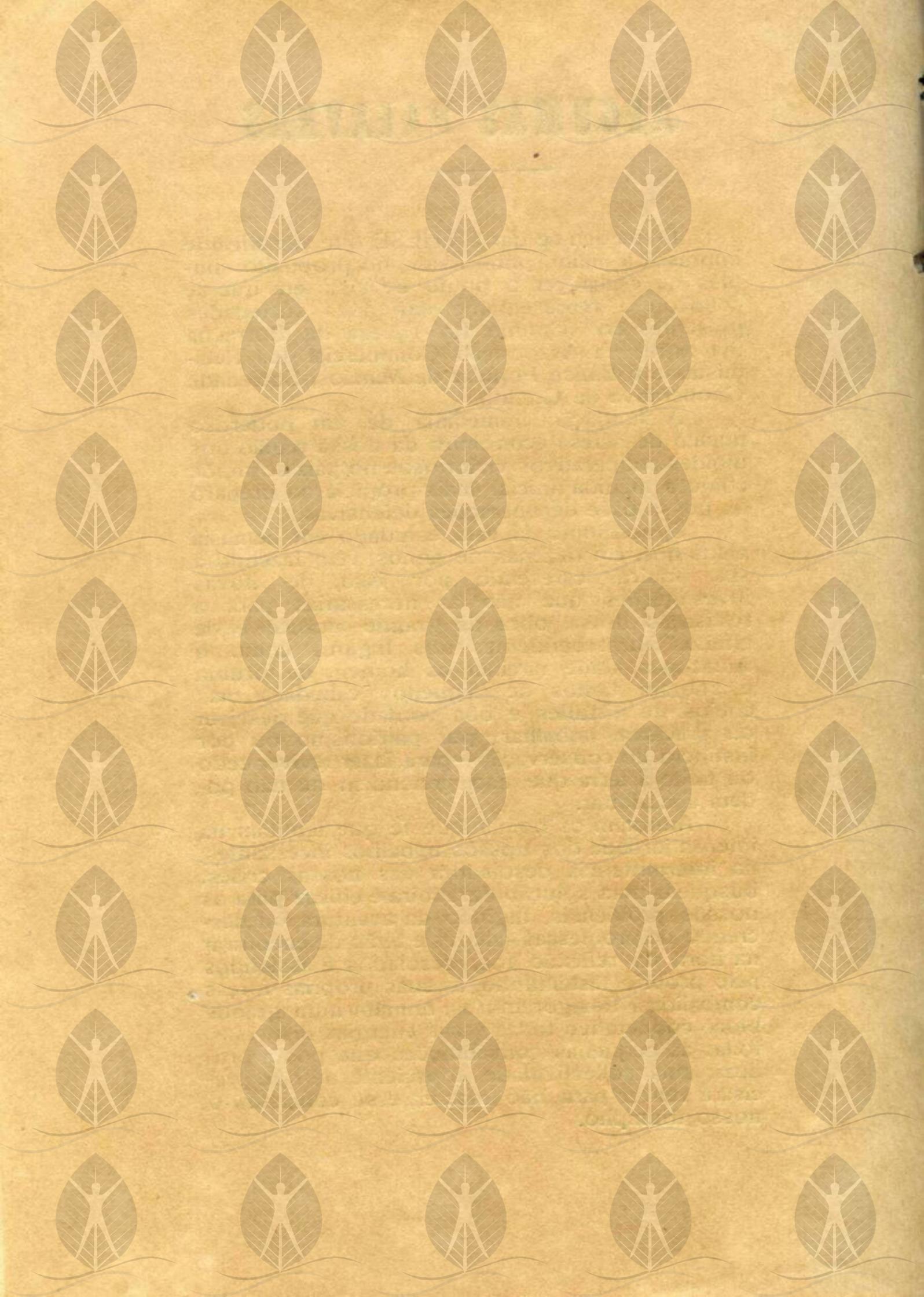
ALGUMAS PALAVRAS

Pretendeu-se dar á THESE que vae adiante impressa a maior publicidade, no proposito simples de esclarecer o ponto de vista em que se collocou o representante das duas sociedades presentes ao «Comité Pró-Defeza da Borracha Sylvestre»—a Associação Commercial dos Retalhistas e o Banco Popular de Manáos, Sociedade Cooperativa de Credito.

A fundação immediata de um poderoso nucleo de defeza economica da nossa região nos moldes cooperativos victoriosos no paiz se impõe como a medida inicial mais propicia ao preparo da nossa base de operações defensivas.

O assumpto já está estudado em demasia pelos que, em dezenas de annos, vêm fazendo a sua pratica, carecendo, por isso, de novas investigações que não as necessarias para a realisação dessa obra de grande alcance e de efeitos surprehendentes nos lugares como o Amazonas, onde rareiam os homens de fortuna e sobram tantos de pequenos cabedaes mas cheios de virtudes e bôa vontade que desejam ou precisam trabalhar—por patriotismo ou por instincto de conservação—para fazer reviver cedo ou tarde a terra que nao pretendem ou não podem abandonar.

Annotem os homens de fé que labutam na intensa jornada dos nossos trabalhos incessantes, na intermittencia desoladora das nossas crises, busquem uma solução duradoira e efficaz para os nossos problemas, fugindo da aventura ou descrendo de promessas fallazes e terão de encontrar na hora da reflexão fria, desolados e assistidos pelo proprio testemunho, as suas proprias forças combalidas. Revigorem-n'as, reünam num grande bloco cooperativo todas essas energias dispersas, todas as pequenas contribuições que possa produzir uma collectividade consciente de que precisará vencer para não morrer, esse consistirá o nosso triumpho.



UMA THESE IMPORTANTE (*)

Illustramos nossa edição de hoje com a publicação da these que, sobre cooperativismo, elaborou brilhantemente o snr. José Nunes de Lima, figura prestigiosa do nosso commercio, pertencente ao Banco Popular de Manãos e á Associação Commercial dos Retalhistas.

Enthusiasta do cooperativismo, o autor desenvolve, nas linhas que seguem, interessante ponto de vista, subordinado a conclusões dignas de estudo.

A exposição é clara, comprehensivel a todos, e está entregue á commissão de estudos do «Comité Pró-Defesa de Borracha Sylvestre», composta dos drs. Araujo Lima, Alfredo da Matta e Antonio Sampaio.

A these é a seguinte :

«THESE apresentada por JOSÉ NUNES DE LIMA, presidente da Associação Commercial dos Retalhistas e do Banco Popular de Manãos—ao *Comité Pró-Defesa da Borracha Sylvestre*, para execução dos pontos de vista do MEMORIAL do snr. Cosme Ferreira Filho, adoptado pela Associação Commercial do Amazonas.

CONCLUSÕES

1.º—*Fundar e installar a «União Amazonense», Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada,*

(*) Transcripta da «Revista da Associação Commercial do Amazonas», edição de 15 de Junho de 1929.

sob a forma do Decreto 1637 de 5 de Janeiro de 1907, que deverá começar a funcionar immediatamente, destinada a ser o nucleo poderoso de defesa da nossa producção regional.

2.º — *Pleitear junto aos orgãos de representação do Estado a passagem de uma lei transferindo para a cooperativa fundada a cobrança ou a renda do imposto de 100 réis e 80 réis por kilo de borracha fina e caucho, logo que tenha sido liquidada a divida externa do Estado.*

3.º — *Conseguir do Governo Federal igual tributo sobre a producção de borracha federal procedente dos seringaes sob sua jurisdição destinado ao mesmo fim.*

JUSTIFICAÇÃO

Em toda a parte do mundo a melhor defeza é aquella que parte, directamente, do offendido ou do soffredor; ninguem melhor do que estes a produzem com mais vehemente eloquencia, atravez de um gesto decidido de revolta ou de um grito torturado de dôr. No terreno da defeza economica da nossa producção, teremos que agir dentro deste principio aconselhado pelo exemplo e pela experiencia. Não precisaremos buscar extra fronteiras a prova para esta asserção simples, ainda talvez pouco esclarecida mas verificada no paiz. Constantemente ouvimos uma velha queixa e até a critica mordaz ventilada contra a protecção que merecem do Governo da Republica os estados sulistas, triumphantes hoje, com a supremacia de sua producção cafeeira. Ella existirá talvez; mas remonte-se a historia do passado e teremos debaixo dos olhos a lucta sobre-humana que, durante muitos annos, sustentaram os productores da preciosa rubiaceae, organisando sosinhos, desamparados de todos os favores, as caixas destinadas a sua propria defeza; depois, os estados cafeeiros, indi-

rectamente começaram a fundar entre si convenios protectores em amparo das iniciativas particulares; avultou a produção, tornando-se o objecto principal do orçamento da Nação como producto exportavel e só neste momento o Governo da Republica, ainda e sempre indirectamente, vem collaborando num controle systematico pela defeza da *semente* prodigiosa que é a defeza hoje mesma da propria Nação!!!

Devemos confessar, embora como dolorosa verdade que, em epoca alguma, nenhuma organização séria, perfeita, com symptoma de defeza da produção regional já se fundou ou installou que haja noticia, no nosso Estado.

Esperar que os governos tomem a iniciativa da solução de um problema complexo como o nosso, especialissimo pela natureza da região, sem que sintam da parte dos principaes interessados a demonstração real de sua capacidade, a preocupação constante, ininterrupta para realizar o objectivo de uma defeza intelligente atravez de esforços accumulados, mas uma defeza concretisada num arcaboijo ao menos de uma fundação seria de que possam surgir resultados economicos visiveis, não será por certo illusão que se agazalhe no espirito dos nossos homens praticos. Ademais, bem sabemos, á vista de dois dolorosos exemplos no Paiz, o que resulta do empreendimento dirigido com a orientação directa do poder publico, nos grandes problemas economico-sociaes, por melhor que seja a intenção de acertar e realizar. Milhares de contos foram retirados dos cofres da nação, ali por nós depositados, attribuidos injustamente a uma celebre «defeza da borracha» e ás «eternisadas obras contra a secca». Entretanto, todos affirmam que ambos os planos são realmente magnificos e salvadores.

Desde 1907, um decreto federal creou, sabiamente, o regulamento que autorisa, no paiz, a fundação de

bancos e caixas populares por iniciativa apenas de sete pessoas idoneas, em qualquer de suas localidades. Isto nos tem passado completamente despercebido; entretanto duzentas e cincoenta dessas instituições que são organisadas em forma cooperativa se acham installadas e funcionando regularmente no paiz inteiro, movimentando o elevado capital de cerca de quinhentos mil contos de réis da nossa moeda, quasi todo elle applicado á defeza da producção da região aonde essas caixas e esses bancos se vêm fortificando e intensamente se fructificando. Patrocinam a creação desses inegalaveis nucleos de credito personalidades tão conhecidas no paiz, pelo descortino das idéas e pela segurança das attitudes, que repetir-lhes aqui os nomes bastará para assegurar-lhes a probidade dos fins a que se destinam e a existencia duradoira a que estão fadadas. Citaremos apenas Miguel Calmon, Pandiá Calogeras, Plácido de Mello, Vital Soares, Gudesteu Pires, Salomão Dantas e Samuel Hardmann para não fazer uma lista longa onde seriam incluídos tantos outros nomes dignos e de responsabilidade acatada no paiz. Na longinqua região acreana se encontra installado o Banco do Acre, uma dessas admiraveis casas de credito; do seu valor, dos seus fins e dos serviços por ella prestados á região, poderão melhor dizer aquelles que outr'ora luctavam com todas as difficuldades, ali, para realizar a mais insignificante e honesta operação de credito. Aqui, na nossa capital, todos sabem, existe uma dessas pequenas cooperativas—O Banco Popular de Manáos—a que temos a honra e o prazer de prestar o nosso concurso desvalioso. Começou a operar em Outubro de 1927. Não teve, é verdade, a modesta instituição a auspiciosa iniciativa dos legitimos expoentes a quem caberia orientá-la e prestigiá-la nos seus primeiros passos, arrostou com a dureza ingrata do ambiente cheio de duvidas e tibiezas, até do amargo e desapie-

gado commentario derrotista com que se pretende diminuir a obra dos pequenos trabalhadores de coisas uteis. Mas nem por isso deixou de triumphar e ás particulas de Rs. 2\$500 por prestação de cada accção de Rs. 50\$000 formou-se o primeiro capital com que se inaugurou a sua Caixa para o inicio de suas operações; e dentro de doze mezes a sua administração tinha a ventura de offerecer á leitura do publico uma exposição de suas contas; tinha-se emprestado durante aquelle curto periodo de trabalhos somma pouco inferior a Rs. 200:000\$000 e distribuia-se um consolador dividendo de doze por cento aos seus accionistas!

Acaba, de ser fundada e installada na capital federal sob a presidencia do snr. dr. João Pandiá Calogeras, a União Brasileira, sociedade cooperativa destinada, precisamente, á defeza da producção nacional. Não sabemos si o nosso principal producto estará incluído entre os productos da Nação, mas, dada a orientação patriótica do distincto e esclarecido homem publico, é obvio que estaremos ainda dentro da carta brasileira.

Fundemos, pois, a nossa "União," e chamemo-la "União Amazonense," e para ella attraiamos a attenção e exijamos, si tanto fôr preciso, a collaboração dos elementos honestos e operosos, interessados directamente no futuro da nossa terra, fazendo a defeza, sinão immediata, mas dentro de poucos annos da nossa producção e artefacção gommifera, estendendo, então, a todos os demais productos da região os favores de que forem carecendo para completar o serviço de amparo ao principal producto da nossa riqueza sylvestre. Comecemos já e já a obra, ao menos, para garantia do nosso futuro; plantemos o milho e tenhamos a devida paciencia para esperar-lhe a colheita, ao envez de o preferir, como temos feito, já semi-gorgulhado dos outros estados mais previdentes...

Durante cinquenta annos temos preferido esta situação humilhante, á espera de favores e promessas fallazes sem demonstrarmos capacidade para uma orientação propria e segura das nossas directrizes. Não ha mais tempo a perder; será para nós deprimente recebermos dentro de pouco tempo mais, produzidos pela Tapajonia, cereaes e artigos industrializados que invalidarão por completo a nossa actividade extractiva pela impossibilidade de vendermos, em concurrencia, os nossos productos...

E entretanto, temos o privilegio das nossas sementes; só ellas serviriam para as plantações clandestinas á cata do latex apetecido; dentro em pouco serão transportadas as nossas proprias terras, porque a Providencia tem sido a principal protectora das nossas grandes riquezas gommíferas, condemnando pela inferioridade o producto mystificado pela aventura e conservando, no mysterio da Natureza, o segredo assegurado da superioridade inconfundivel da nossa gomma prodigiosa.

Devemos, por isso, aproveitar essa condição tão especial que o destino nos tem reservado e alguma cousa fazer de estavel e confiante sem pensar em colher immediatamente os resultados. Foi assim que se produziu a borracha no Ceylão; será assim tambem que faremos a defeza systematica da nossa producção.

Todos os pontos do "memorial," adoptado pela Associação, intelligentemente esclarecidos e ao alcance dos mais leigos no assumpto deverão ser encaminhados no sentido de sua realisação; mas é preciso, desde já, installar o nosso centro de defeza economica, controlador de todos os resultados que forem sendo obtidos, e nenhuma organização se fará mais opportuna e apropriada que uma cooperativa, movimentando-se desde o seu inicio, cautelosamente, dentro do regime rigoroso com que se ellas fundam e fruem brilhantemente, guia-

das por mãos habéis e honestas. E, si existe de facto quem sinceramente deseja o alevantamento e a prosperidade economica desta terra, a esse novo nucleo accorrerão, de todos os lados, as adhesões que lhe vitalizem a criação, tornando-o, dentro de poucos annos um solido centro de defeza destinado ao fim que se deseja.

E os governos virão fatalmente em seu auxilio, seguros da sua existencia, certos de seu fundo de probidade.

Ha cerca de quasi trinta annos concorremos com o imposto de 100 e 80 réis por kilo de borracha bruta produzida no Estado, creado para auxilio de uma instituição bancaria que não logrou o fim collimado logo no segundo anno da criação desse tributo, passando este a garantir o emprestimo marselhez em vias de ser liquidado por iniciativa do actual presidente do Estado amparada pelo Governo da Republica. Quem tiver uma leve noção de algarismos saberá avaliar que somma phantastica não estaria hoje ao serviço da nossa defeza economica, si este imposto, recolhido a uma instituição como a que lembramos, entregue em mãos habéis e honestas, se movimentasse durante esse longo periodo. A triste verdade é que a divida ainda existe, a produção agonisa na dubiedade vexatoria dos preços e o tributo se paga religiosamente.

Essa crise porém, mercê de Deus, passará, a nossa divida externa será liquidada e caberá ao patriotismo de um governo intelligente entregar á Cooperativa do Estado aquelle tributo que lhe fôra offerecido durante vinte e cinco annos, livre do compromisso que não originaramos e destinado agora ao legitimo fim benefico de fazer a felicidade do Estado e do seu resignado povo. Por seu lado, o Governo da Republica se encontrará na contingencia de acompanhar o Estado, neste movimento de salutar orientação, concorrendo pela

forma indicada ou por outra mais consentanea para
collaborar, materialmente, na obra creada e mantida
pelos legitimos e sinceros defensores de um Amazonas,
grande como o seu immenso Rio e immenso como a
vastidão das suas florestas verdejantes! . . .

Manáos, Maio de 1929.

José Nunes de Lima,

Membro do Comité Pro-Defeza Borracha Sylvestre.



O PROBLEMA DA BORRACHA SILVESTRE

Em torno do memorial do Snr.
Cosme Ferreira Filho. — Por meio de
Cooperativas de Credito. — A União
Brasileira e a União Amazonense.

JOSÉ NUNES DE LIMA

Presidente da Associação Commercial dos Retalhistas e do
Banco Popular de Manãos e Membro do Comité
Pró-Defeza da Borracha Sylvestre.

O movimento que se vem operando no Brasil, quiçá no mundo inteiro para a realização de todos os objectivos, por meio de cooperativas de credito, para a defeza da producção, do consumo e demais modalidades em que se necessite do auxilio poderoso da collectividade é, por certo, um aviso previdente e opportuno para os que, até aqui, têm esperado, indolentemente, que forças inteiramente extranhas aos nossos soffrimentos nos venham acudir nos torturados dias das nossas crises periodicas.

Homens de responsabilidades cercam, numa hora decisiva e feliz, o pensador de um estudo magnifico e impressionante em torno do problema da nossa borracha sylvestre, inteiramente abandonada aos crueis azares da sorte. Concebeu-o o Snr. Cosme Filho e o proclamou conscientemente, e com muita autoridade, a nossa Associação Commercial do Amazonas. Não é, porém, isto sufficiente. Precisamos realizal-o.

Deve ser ponto de fé, segura, irrestricta, a confiança no futuro. Devemos nos lembrar, somente para

falar nos nossos dias, que, durante cincoenta annos, se tem discutido esse problema, mas em sabermos que nunca se procurou decidida e honestamente dar um passo, siquer, na realidade, para a execução da verdadeira defeza economica da nossa producção, não deveremos descrever do que poderá valer o nosso proprio esforço, de um trabalho intensivo, persistente e duradouro de actividade e cooperação de todos os elementos que aqui labutam e que, sinceramente, aspirem a estabilidade e a grandeza da nossa opulenta região.

Esperar sempre pela acção dos governos, imaginar que lhes assiste, precipuamente, o dever das iniciativas e dos trabalhos que exigem interesse mais directo, por isso que reclamam demorados annos para produzir os resultados almejados, tem sido um grande erro repetido, quando nos parece lhes caber a obrigação somente do auxilio indirecto, financeiro ou moral, garantindo com o prestigio do poder constituido, o respeito e a segurança das organizações propulsoras ou realizadoras dos problemas focalizados no momento.

Radicar-nos primeiramente á terra onde vivemos felizes, ao envez de julgar-nos sempre de passagem, em meia aventura, indecisos no deslumbramento de sua floresta eternamente verde, quando os annos furtivamente se escoam, em decadas sobre decadas, surpreendendo-nos envelhecidos nesta indecisão, sem termos dado de cada um a nossa ajuda que seria, talvez, por si só, a parte que faltasse ao canto da victoria, esse o ponto principal para a solução do problema que deverá, por isso, ser primeiro genuinamente regional, para em seguida interessar a nação, preocupando finalmente o resto do mundo.

Os factos ahi estão positivados, verificados na California, como na Belgica, na Allemanha como já no proprio Brasil, onde as cooperativas, constituídas com a base de honestidade e de trabalho persistente e fecun-

do, venceram e realizaram os propositos para que foram creadas, fazendo a felicidade das regiões onde fructificam pela comprehensão intelligente de seu povo, crente na sua vitalidade e resolvido que sempre está a colaborar com a sua economia e com o seu labor no empreendimento salvador da sua gleba querida! . . .

Assim, enquanto se discute o assumpto nas altas camadas sulamericanas, até onde levou o arguto autor do memorial a magnitude do problema, fundemos, desde já, a nossa base de defeza. Pandiá Calogeras, um brasileiro illustre que lhe tem cercado o nome uma grande aureola de serviços prestados ao paiz, ministro de diversas pastas, profundo estudioso dos nossos problemas economicos, politicos e sociaes funda agora, na capital da Republica sob os melhores auspicios e com a forma cooperativista, a União Brasileira, poderosa sociedade que se propõe á defeza ampla da producção nacional; fundemos aqui, sob as scintillantes esperanças de que nos sentimos tocados, a nossa sociedade defensora, fundemos a União Amazonense para a defeza da nossa producção e sejamos confiantes; procuremos tirar de cada um de nós mas de todos nós um pouco do nosso esforço e trabalhemos certos de vencer, porque em nosso auxilio virão os governos benemeritos como o desse bemfazejo quatriennio que se finda, unguido da nossa grande saudade irreprimivel; fundemos a União Amazonense! . . .

(*Transcripto da AMAZONIDA, de Maio de 1929.*)





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA